

DO MODESTO DISCÍPULO—AO MESTRE TEIXEIRA DE ARAGÃO

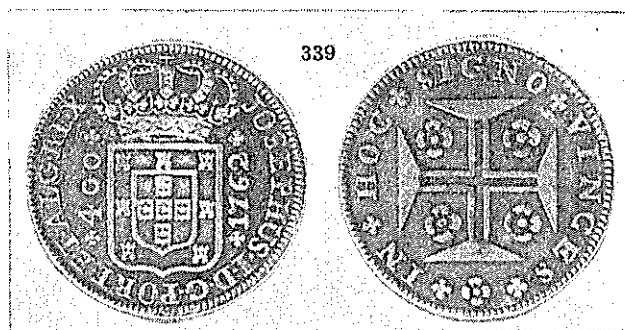
pelo ENG.º VALDEMAR CORDEIRO

«Meu rapaz, a moeda é muito vulgar, mas se desejares mais saber sobre o assunto, consulta a obra *Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal.*»

Abade de Baçal

O nosso interesse pela numismática nasceu praticamente há quarenta anos — cursávamos então o primeiro ano liceal — com a aquisição de um velho cruzado de D. José, pela importância, para nós e nessa altura verdadeiramente ruínosa, de quatro mil e quinhentos reis. Ainda hoje guardada com carinho, essa moeda assumiu na realidade a motivação directa do nosso interesse pela numismática, para a qual já nesses tenros anos sentíamos curiosidade e vocação, lançando-nos nos primeiros e titubiantes passos na senda da pesquisa da história dos dinheiros cunhados.

Enviado um grosseiro decalque da nossa «importante» aquisição ao arqueólogo Abade de Baçal, dele obtivemos rapidamente o apreço da mesma — e com ela o encaminhamento para a utilização e conhecimento da obra de Teixeira de Aragão — da qual pela primeira vez ouvimos falar.



... Eis o cruzado que em 1934 custou a “ruínosa” quantia de 4.50

Terminadas as férias desse já tão distante e saudoso primeiro ano liceal, regressámos a Bragança. Avidamente procurámos por bibliotecas,

nas livrarias dos particulares, por toda a parte onde existiam livros, a obra recomendada pelo bondoso e sabedor Abade. Tudo em vão.

Porém o interesse pela consulta não morreu. E, passados cinco anos consegui — finalmente! — encontrar, na Biblioteca Municipal do Porto, um exemplar da «Descrição Geral das Moedas». É fácil imaginar a emoção, a religiosidade, com que pela primeira vez abrimos e folheámos o segundo volume — referente ao período cronológico que cobria a nossa incipiente «especialização». Perante os nossos olhos ávidos de rapaz, abria-se todo um universo maravilhoso, cheio de complexidade e de mistérios, barreira e desafio à pobre ignorância...

Esse foi talvez o momento que decidiu da nossa vocação numismática. As dificuldades e o aparente hermetismo da ciência que nos deslumbrava, longe de nos desanimar, acicatou-nos para um trabalho de consulta. Logo ali colhemos as primeiras notas, interessando naturalmente, as moedas de prata e cobre da 4.^a Dinastia, que pela sua acessibilidade, estavam mais ao alcance da magra bolsa estudantil.

Assim e mesmo antes do aparecimento dos catálogos de Ferraro Vaz (1948) e Batalha Reis (1956), com os seus elementos de valores e ordenamento cronológico — começámos já e definitivamente a nossa modesta carreira de numismata. Sobre os apontamentos colhidos apressadamente na Biblioteca, iamos norteando as primeiras aquisições, feitas ao sabor de parcas possibilidades, na Feira da Ladra, em ferros-velho e antiquários, desbravando lentamente a nossa ignorância, sempre apoiados na sabedoria e infalibilidade do velho Mestre — Teixeira de Aragão.

Vai a Sociedade Portuguesa de Numismática comemorar o centenário do aparecimento da «Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal» — obra principal de A. C. Teixeira de Aragão.

Médico do século passado, Teixeira de Aragão, apaixonado colecionador e numismata, cedo se apercebeu da escassez de elementos bibliográficos existentes, escassez que limitava profundamente a difusão da numária no nosso país. Na realidade tais elementos resumiam-se praticamente às obras de Severim de Faria (1625), António Caetano de Sousa (1738), Frei Manuel do Cenáculo (1772), D. Tomás Caetano de Bem (1794), César Famim (1874) e Lopes Fernandes (1856) — aliás bem longe de firmarem uma fonte segura e ordenada do conhecimento numismal, pois caracterizavam-se pela sua grande complexidade e hermetismo, a par da falta de um claro e indispensável enquadramento cronológico.

Tal percepção está na raiz da gestação da obra principal de Teixeira de Aragão, a monumental «Descrição Geral das Moedas», que vem a publicar por volta de 1874, em três volumes («Moedas da 1.^a e 3.^a Dinas-

tias — 1140/1640», «Moedas da 4.^a Dinastia — 1640/1877», «Índia Portuguesa e África Oriental»), e que irão descrever o primeiro guia da numismática portuguesa.

A obra de Teixeira de Aragão constitui ainda hoje um verdadeiro manual de consulta e estudo, valorizado pela profusa ilustração desenhada de moedas, desde os antigos dinheiros batidos a martelo, às moedas cunhadas a balancé, às produzidas em prensas monetárias que então tinham surgido entre nós, obra científica que, na sua vastidão e monumentalidade, estabeleceu para a sua época e também nossos tempos, um padrão e uma peça chave da Numária Portuguesa.

Fundamentada no estudo aturado do material mais diverso — selos reais, codices, cartas régias, manuscritos — de busca difícil e de mais difícil interpretação, a «Descrição Geral das Moedas» é o fruto de grande parte da vida de Teixeira de Aragão dedicada a buscas incessantes entre a poeira dos arquivos e nos arcanos das bibliotecas, nas colecções, nas associações científicas, perseguindo dados e factos, decifrando pergaminhos vetustos e documentos quase ilegíveis. Vida de autêntica servidão à Numária, essa gémea da História — colocou todos os numismatistas portugueses na posição de devedores para com aquele que na realidade tornou vivo e aliciante o coleccionamento do dinheiro amoedado, gratidão que bem justifica que na mente de cada um de nós haja sempre um pensamento de admiração e respeito por aquele a quem tanto deve o conhecimento do nosso modesto monetário.

Teixeira de Aragão torna-se assim o verdadeiro e primeiro precursor da numismática nacional, abrindo aos coleccionadores incipientes uma fonte de informação precisa e clara, motivando e apoiando cientificamente o surgir das primeiras grandes colecções, entre as quais se destacam as de D. Luís I, Francisco Inácio de Mira (Beja), José Lamas (Lisboa), Gerson da Cunha (Goa), Joaquim José Judice dos Santos (Lisboa), Julius Meili (suiço muitos anos residentes em Lisboa), etc..

A despeito de terem surgido posteriormente alguns continuadores da obra de Teixeira de Aragão, entre os quais sobressaem Leite de Vasconcelos, Batalha Reis e Ferraro Vaz, a «Descrição Geral das Moedas» tem mantido a sua validade através dos tempos, constituindo para além da sua valia histórica e científica, uma fonte de informação prática de enorme utilidade para o estudioso e para o coleccionador, que nela vai beber conhecimentos preciosos, mormente no que respeita ao ordenamento cronológico dos numismas e sua história. A obra de Aragão é o resultado de muito estudo e de investigação, de uma devotada actividade intelectual e científica, a expressão de uma vontade inabalável de vencer o temeroso emaranhado dos séculos. Porém e mais do que isso, exprime no mais alto grau o seu desejo de servir a numismática, forne-

cendo a todos, do mais sábio ao mais ignaro, a súpula do seu estudo e conhecimento, numa dádiva desinteressada à causa da Numismática Nacional. Verdadeiro marco histórico, a «Descrição Geral das Moedas» dispara todo um processo de polarização de interesses e de gestação de entusiasmo em volta da moeda cunhada, podendo considerar-se a verdadeira pedra base do actual edifício da nossa numismática. Quantos colecionadores, como nós, não foram beber os seus primeiros conhecimentos, tirar as suas primeiras dúvidas, fundamentar a sua paixão na obra de Teixeira de Aragão? Quantos, como nós, não teriam perdido, à face das dificuldades, o seu entusiasmo, sem os preciosos ensinamentos da «Descrição Geral»?

Sendo em numismática como em outro qualquer sector, o coleccionador sempre uma mente introvertida e egoísta, torna-se admirável que Teixeira de Aragão tenha devotado a sua vida à elaboração de bibliografia informativa, à junção e ordenamento de conhecimentos que legitimamente poderia reservar para si. Se é verdade que a sua obra principal lhe valeu, em 1876, o ingresso na Academia Real de Ciências, não é menos verdade que a real motivação do seu trabalho de estudo científico dos numismas foi sempre, não a mira das honrarias académicas, mas a necessidade de comunicação e partilha de conhecimentos, apanágio exclusivo dos verdadeiros cientistas e investigadores.

Outro aspecto notável da obra de Teixeira de Aragão é a paralelização do estudo numismático com os estudos históricos, na busca do correcto enquadramento da moeda cunhada na paisagem e fenomenologia histórica respectiva, paralelismo que, quanto a nós, promove a principal motivação do coleccionador esclarecido, que vê no numisma, mais do que o valor material ou estético, a sua representatividade histórica, o reflexo de uma época e de um estádio cultural, social e até político. O mesmo espírito preside à elaboração de outros trabalhos de Aragão, entre os quais se destaca a «Descrição Histórica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismático de S. M. El-Rei D. Luís I», publicada em 1870, e que ainda hoje, passado mais de um século, forma o melhor elemento bibliográfico sobre o tema visado, impresso em português.

A «Descrição Geral das Moedas» fixa o repositório de milhares de moedas, batidas em todos os reinados, definindo, numa absoluta continuidade, a paisagística da evolução do dinheiro cunhado em Portugal, no que respeita a localização cronológica, raridade relativa, caracterização e valorização de então. Pasma-se da enormidade do trabalho de Teixeira de Aragão, sobretudo no campo estrito da investigação histó-

rica e da sistematização. Note-se, por exemplo, a cuidadosa análise dos numismas da primeira dinastia, de identificação e legibilidade tão difíceis, a difícilíssima localização cronológica das moedas batidas a martelo e das cunhagens mecânicas que as substituíram — sectores específicos que o trabalho do investigador torna acessível a todos os numismatas, para os quais a «Descrição Geral das Moedas» constitui e constituirá sempre um precioso instrumento de trabalho e estudo.

Como numismata apaixonado que somos, não podemos deixar de associarmo-nos às comemorações ligadas à publicação da obra prima de Teixeira de Aragão. Na nossa participação não há só a grande estima que pessoalmente sentimos pelo homem, na sua devotação à numismática, na sua sabedoria e modéstia, pela sua obra no campo da investigação e divulgação; há para além disso, a gratidão comovida do estudante de poucos anos, que nas páginas sofregamente devoradas encontrou a referência das suas primeiras moedas — e com essa referência a motivação de uma vida de coleccionador. Ao abrir a «Descrição Geral das Moedas», há já tantos anos, abriram-se para nós, como para tantos e tantos numismatas, novos caminhos de conhecimento, preciosos há um século, preciosos ainda hoje para todo aquele que jamais sentiu o fascínio irresistível e vivo de uma velha moeda...

Porto, 16-XII-1974

